

Coro e Orquestra Gulbenkian

Michel Corboz



11 + 12 ABRIL 2017



11 DE ABRIL
TERÇA

20:00 — *Zona de Congressos*

Entrada Livre

12 DE ABRIL
QUARTA

18:00 — *Zona de Congressos*

Entrada Livre

Conhecer uma obra — Guia de audição

O *Requiem* de Wolfgang Amadeus Mozart

por **Alexandre Delgado**

MECENAS PRINCIPAL
GULBENKIAN MÚSICA



MECENAS
ESTÁGIOS GULBENKIAN PARA ORQUESTRA



MECENAS
MÚSICA DE CÂMARA



MECENAS
CONCERTOS DE DOMINGO



MECENAS
CICLO PIANO



MECENAS
CORO GULBENKIAN



Orquestra Gulbenkian

11 DE ABRIL
TERÇA

21.00 — Grande Auditório

12 DE ABRIL
QUARTA

19.00 — Grande Auditório

Coro e Orquestra Gulbenkian

Michel Corboz Maestro

Sandrine Piau Soprano

Helena Rasker Contralto

Christophe Einhorn Tenor

Marcos Fink Baixo

Jorge Matta Maestro do Coro Gulbenkian

Gabriel Fauré

Requiem, op. 48

Introit et Kyrie
Offertoire
Sanctus
Pie Jesu
Agnus Dei
Libera me
In Paradisum

INTERVALO

Wolfgang Amadeus Mozart

Requiem, K. 626

Introitus: Requiem
Kyrie

Sequentia: Dies irae
Tuba mirum
Rex tremendae
Recordare
Confutatis
Lacrimosa – Amen

Offertorium: Domine Jesu
Hostias

Sanctus
Benedictus
Agnus Dei

Communio: Lux aeterna
Cum sanctis tuis

Duração total prevista: c. 2h

Intervalo de 20 min.

Gabriel Fauré

Pamiers, 12 de maio de 1845

Paris, 4 de novembro de 1924

Requiem, op. 48

COMPOSIÇÃO: 1887-88 / 1893

ESTREIA: Paris, 16 de janeiro de 1888

DURAÇÃO: c. 36 min.



GABRIEL FAURÉ FOTOGRAFADO POR PAUL NADAR EM 1905 © DR

É-nos hoje difícil imaginar a estranheza, para não dizer incredulidade, do ouvinte parisiense de finais do séc. XIX perante o *Requiem* de Gabriel Fauré. Estreado em Paris, na Igreja da Madeleine (a igreja “chique” à época, em que a fina-flor da sociedade parisiense coincidia semanalmente), a 16 de janeiro de 1888, por ocasião do primeiro aniversário das exéquias do arquiteto Joseph-Michel Le Soufaché (1804-1887), teve uma recepção fria e displicente. Outra coisa não seria de esperar, dada a novidade absoluta que Fauré apresentara. Num ato evidente de rutura com a tradição musical dos *Requiem* românticos, em que o *bel canto* italiano e a imponência sinfónica de influência alemã eram a regra, o compositor optou por uma vocalidade simples e etérea, bem como uma textura orquestral intimista, tornando o seu *Requiem* pedra angular da renovação da música litúrgica francesa na transição para o séc. XX.

Fauré fora nomeado mestre de capela da Madeleine em 1877, por indicação de Saint-Saëns, seu antigo professor, e é neste contexto que escreve, entre 1887 e 1888, uma “pequena missa de defuntos”, de acordo com as suas palavras,

em cinco andamentos (*Introit et Kyrie, Sanctus, Pie Jesu, Agnus Dei e In Paradisum*). Nos anos subsequentes, Fauré revê a obra, acrescentando o *Offertoire*, com a secção *Hostias*, e o *Libera me*, escrito anos antes, em 1877.

Apesar do prestígio que Fauré alcançara, com a sua dupla nomeação, em 1896, para o cargo de organista titular da Igreja da Madeleine e de professor de composição do Conservatório de Paris, sucedendo a Jules Massenet, instituição da qual viria a ser diretor, em 1905, e onde, entre muitos outros, ensinou Maurice Ravel, os detratores do seu *Requiem* subsistiam. Não foi por acaso que o compositor afirmou, numa entrevista de 1902: “Tem sido dito que o meu *Requiem* não expressa medo pela morte e alguém lhe chamou canção fúnebre de embalar. Mas é assim que eu vejo a morte, uma entrega feliz, uma aspiração à felicidade celestial, mais do que uma experiência dolorosa”. A ambiência contemplativa, sem quaisquer excessos, a subtileza melódica de inspiração gregoriana, o idioma harmónico de pendor impressionista, uma orquestra de dimensões reduzidas, tudo concorria para a estranheza da crítica perante

a composição de Fauré, completamente fora dos cânones da época. Além disso, ao invés da prática comum, Fauré optou por fazer uma seleção criteriosa do ordinário da missa de defuntos, dispensando parte substancial do texto, desde logo a Sequência, assim como o Gradual, acrescentando, contudo, duas orações, o *Libera me*, que faz parte da cerimônia da absolvição e o *In Paradisum*, do enterramento. Esta escolha dos textos, que em nada afeta a sua funcionalidade litúrgica, parece evidenciar uma mensagem de esperança, de redenção, um *Requiem* humano, sem ceder à tentação fácil de exuberância teatral ou exacerbamento musical.

A escuridão silábica dos primeiros compassos do *Introit*, de uma emotividade dinâmica contida, floresce na frase *et lux perpetua*, sublinhando a importância simbólica cristã da morte enquanto passagem para a vida eterna. A fluidez da melodia que se segue, primeiro entoada pelos tenores e, adiante, cantada pelo coro, no *Kyrie*, estabelece o essencial de toda a obra: pureza e simplicidade melódica, um contraponto delicado e uma harmonia que reforça apenas algumas ideias essenciais do texto, daí havendo, recorrentemente, uníssonos ao longo de todo o *Requiem*.

O *Offertoire*, com uma pungente introdução instrumental, invoca, por três vezes, Cristo, metáfora da Santíssima Trindade, num cânone translúcido de grande serenidade, apenas interrompido pela negritude harmônica sobre as palavras *de poenis inferni*. O *Hostias* é confiado a um expressivo solo de barítono, de um lirismo contido, sobre um acompanhamento instrumental de contraponto ondulado. A invocação inicial é retomada pelo coro, em crescendo harmônico, culminando num radiante *Amen*. O *Sanctus* espalha-se sobre um *ostinato* da harpa e, pela primeira vez, surge o violino solo, sobre a repetição das frases melódicas femininas pelas vozes masculinas. O brevíssimo *Hosana*,

em aparente explosão dinâmica, retrocede bruscamente, retomando o ambiente etéreo inicial com os trémulos do violino. O andamento central, *Pie Jesu*, para soprano solo, é sereno e contemplativo, enquanto súplica para que os mortos possam receber o descanso eterno. Saint-Saëns diria a Fauré, numa carta de 1916: “o teu *Pie Jesu* é o único *Pie Jesu*, assim como o *Ave Verum* de Mozart é o único *Ave Verum*”.

O *Agnus Dei* começa com uma expressiva melodia na orquestra que é, afinal, o contratema da melodia principal, entoada pelos tenores. Segue-se uma secção cromática, em modo menor, de pendor dramático, rapidamente diluída pela repetição da secção inicial. Num gesto de pura magia musical, os sopranos entoam a palavra *lux*, seguindo-se uma progressão melódico-harmônica de grande tensão. Fauré recupera os compassos iniciais do *Introit*, terminando, contudo, com a melodia pastoral da abertura, verdadeiro bálsamo de esperança e tranquilidade. Os dois últimos andamentos são profundamente contrastantes. O *Libera me*, escuro, compassado, em que o solo suplicante de barítono dá lugar a um vislumbre do *Dies irae*, seguido da recapitulação da melodia inicial, desta feita pelo coro, e o *In Paradisum*, uma melodia diáfana dos sopranos, suavemente comentada pelo coro masculino, uma bonança abençoada.

A extraordinária sutileza artística, bem como a intensidade espiritual humanista que permeia o *Requiem* de Fauré, encontrou nas palavras da sua discípula e insigne compositora Nadia Boulanger um singular epítáfio: “a sua voz parece interpor-se entre o Céu e a Terra, inusitadamente perceptivo, silenciosamente fervoroso, às vezes grave e triste, nunca ameaçador ou dramático. Ter dado isso aos nossos corações infelizes, combinar a caridade com a beleza, a esperança com o amor, não é esta a forma mais bela de participar da obra da Igreja?”.

Gabriel Fauré

Requiem, op. 48

Introit et Kyrie

Requiem aeternam dona eis, Domine,
et lux perpetua luceat eis.
Te decet hymnus, Deus, in Sion,
et tibi reddetur votum in Jerusalem.
Exaudi orationem meam;
ad te omnis caro veniet.

Kyrie eleison.
Christe eleison.

Offertoire

O Domine Jesu Christe, Rex gloriae,
libera animas defunctorum
de poenis inferni
et de profundo lacu.

O Domine Jesu Christe, Rex gloriae,
libera me animas defunctorum
de ore leonis;

Ne absorbeat Tartarus.
Ne cadant in obscurum.
Hostias et preces tibi, Domine,
laudis offerimus:
tu suscipe pro animabus illis
quarum hodie memoriam facimus;
Fac eas, Domine, de morte transire ad vitam,
quam olim Abrahae promisisti
et semini eius.

O Domine Jesu Christe, Rex gloriae,
libera anima defunctorum
de poenis inferni
et de profundo lacu.
Ne cadant in obscurum.
Amen.

Dá-lhes Senhor o eterno repouso,
e que para eles resplandeça a luz perpétua.
A Ti são dirigidos hinos em Sião,
a Ti são oferecidos votos em Jerusalém.
Ouve a minha oração,
perante Ti comparecem todas as criaturas.

Senhor, tem piedade de nós.
Cristo, tem piedade de nós.

Senhor Jesus Cristo, Rei da glória,
liberta as almas dos mortos
das penas do inferno
e do lago profundo.

Senhor Jesus Cristo, Rei da glória,
liberta as almas dos mortos
da boca do leão;

Que não sejam perdidas em Tártaro.
Que não caiam na escuridão.
Oferecemos-te um sacrifício, Senhor,
e preces de louvor:
recebe-os em nome das almas
daqueles que hoje recordamos;
Faz com que eles, Senhor, passem
da morte à vida,
como certa vez prometeste a Abraão
e aos seus descendentes.

Senhor Jesus Cristo, Rei da glória,
Liberta as almas dos mortos
das penas do inferno
e do lago profundo.
Que não caiam na escuridão.
Amén.

Sanctus

Sanctus, sanctus, sanctus,
Dominus, Deus Sabaoth.
Pleni sunt coeli et terra gloria tua.
Hosanna in excelsis.

Santo, santo, santo,
Senhor, Deus dos exércitos.
Os céus e a terra estão cheios da Tua glória.
Hosana nas alturas.

Pie Jesu

Pie Jesu, Domine, dona eis requiem,
dona eis sempiternam requiem.

Misericordioso Jesus, Senhor, dá-lhes descanso,
dá-lhes o eterno descanso.

Agnus Dei

Agnus Dei, qui tollis peccata mundi,
dona eis requiem sempiternam.
Lux aeterna luceat eis, Domine.
cum sanctis tuis aeternum,
quia pius es.

Cordeiro de Deus, que tiras os pecados do mundo,
dá-lhes o eterno descanso.
A luz eterna brilhe sobre eles, Senhor,
com os teus santos eternamente,
porque Tu és misericordioso.

Requiem aeternam dona eis, Domine,
et lux perpetua luceat eis.

Dá-lhes Senhor o eterno repouso,
e que para eles resplandeça a luz perpétua.

Libera me

Libera me, Domine, de morte aeterna
in die illa tremenda:
Quando caeli movendi sunt et terra,
dum veneris iudicare
saeculum per ignem.
Tremens factus sum ego
et timeo dum discussio venerit
atque ventura illia.
Dies illa, dies irae,
calamitatis et miseriae;
Dies illa, dies magna,
et amara valde.

Liberta-me, Senhor, da morte eterna
naquele dia terrível:
Quando os céus e a terra forem movidos,
quando vieres julgar
o mundo pelo fogo.
Tremo e tenho medo,
por causa do dia do julgamento
e da ira que com ele virá.
Aquele dia, um dia de ira
e calamidade e tristeza;
Aquele dia, um grande dia
e verdadeiramente amargo.

Requiem aeternam dona eis, Domine,
Et lux perpetua luceat eis.

Dá-lhes Senhor o eterno repouso,
e que para eles resplandeça a luz perpétua.

Libera me, Domine...

Liberta-me, Senhor...

In Paradisum

In Paradisum deducant angeli;
in tuo adventu suscipiant te martyres,
et perducant te in civitatem sanctam,
Jerusalem.
Chorus angelorum te suscipiat,
et cum Lazaro quondam paupere
aeternam habeas requiem.

Que os anjos te recebam no Paraíso;
e que os mártires te esperem
e te levem até à cidade Santa, Jerusalém.
Que o coro dos anjos te receba
e com Lázaro, que foi pobre,
tenhas repouso eterno.

Wolfgang Amadeus Mozart

Salzburgo, 27 de janeiro de 1756

Viena, 5 de dezembro de 1791

Requiem, K. 626

COMPOSIÇÃO: 1791

ESTREIA: Viena, 2 de janeiro de 1793

DURAÇÃO: c. 55 min.



MOZART E SUSSMAYER - LITOGRAFIA DE FREDERICH LEYBOLD, 1857 © DR

Quando, em julho de 1791, W. A. Mozart recebeu uma encomenda para escrever um *Requiem*, estava longe de imaginar que iria terminar os seus dias a compor uma Missa de Defuntos. Tal facto, associado às inúmeras peripécias e equívocos que rodearam a conclusão desta obra, teceu uma dimensão mitológica tão do agrado do imaginário coletivo romântico que foi sendo perpetuada até aos dias de hoje. Na origem desta encomenda esteve a morte precoce, em fevereiro de 1791, de Anna von Walsegg, mulher do conde Franz von Walsegg, conhecido na sociedade vienense por fazer passar por suas obras musicais de diversos compositores. Tudo indica que foi Michael Puchberg, amigo e companheiro da Maçonaria, quem terá recomendado Mozart a Walsegg. Os termos da encomenda eram muito precisos: o compositor deveria escrever um *Requiem* na mais estrita confidencialidade, a ser entregue em fevereiro do ano seguinte, pelo qual receberia a considerável soma de 100 ducados, metade do valor de imediato e o remanescente aquando da entrega da partitura. Contudo, Mozart foi protelando a composição, visto ter em mãos sucessivos compromissos profissionais inadiáveis:

La Clemenza di Tito, para os festejos da coroação de Leopold II como rei da Boémia, em agosto; a conclusão de *Die Zauberflöte*, em setembro; um concerto para clarinete, para o seu amigo Anton Stadler, em outubro; e ainda a *Pequena Cantata Maçónica*, terminada em novembro. Fatalmente, quando a 5 de dezembro Mozart sucumbiu a uma febre reumática, apenas o *Introitus* do *Requiem* estava terminado. O *Kyrie*, a maioria da *Sequentia* (do *Dies irae ao Confutatis*) e o *Offertorium*, com o verso *Hostias*, tinham somente as partes vocais, o baixo cifrado, alguns desenhos motivicos na parte dos violinos (em zonas de ligação entre secções corais ou solísticas) e, no trombone, o solo inicial do *Tuba mirum*. O *Lacrimosa*, na conclusão da *Sequentia*, contava apenas com oito compassos. A mulher do compositor, Constanze, face à delicada situação financeira em que se encontrava, decide não abdicar do pagamento final, entregando o manuscrito a Joseph Eybler, discípulo e amigo de Mozart, que após orquestrar as partes em falta da *Sequentia* recusou prosseguir. A tarefa foi então entregue a Franz Süssmayr, colaborador de Mozart nos seus últimos meses de vida.

Alterada a orquestração de Eybler, Süssmayr terminou o *Lacrimosa* e acrescentou as partes do ordinário em falta, *Sanctus*, *Benedictus* e *Agnus Dei*, reutilizando os dois andamentos iniciais para a *Communio*. O *Requiem*, na sua versão final, foi estreado a 2 de janeiro de 1793, na Jahn-Saal, em Viena, num concerto de beneficência organizado por Gottfried van Swieten, mecenas de Mozart, a favor de Constanze e dos seus dois filhos, antes da entrega da partitura *original* a Walsegg.

Do ponto de vista formal, o *Requiem* de Mozart obedece às convenções do género da Missa de Defuntos vigentes no espaço cultural alemão desde a segunda metade do séc. XVII. Poder-se-á apontar os *Requiem* de Florian Gassmann (1774) e Michael Haydn (1771) como inspiração indireta, quer pela semelhança da distribuição musical do texto (números solísticos, corais, fugados) quer pela dispensa de três rúbricas, o Gradual, o Tracto e o Responsório final. Facto é que Mozart conhecia as duas obras e o seu *Ave Verum* (1791) é desconcertantemente similar ao *Tuba mirum* de Gassmann. A presença de G. F. Händel (1685-1759) é igualmente sentida em vários momentos, particularmente no tema do *Kyrie*, em tudo semelhante ao do coro *And with his stripes* do *Messias*.

O ambiente desolador do *Introitus*, marcado pelo pungente diálogo entre os dois fagotes e os dois *corno di basseto*, parafraseado, adiante, no *Recordare*, é fundamental para estabelecer o ambiente de toda a obra. Igualmente importante é o tema do *Requiem aeternam*, constantemente reutilizado em vários andamentos, como no fugado *Quam olim Abrahae* ou no *Agnus Dei*. De particular interesse é o *Offertorium*, pela variedade de texturas apresentadas. A sucessão de dinâmicas contrastantes, acompanhadas por oscilações harmónicas de grande efeito e intervalos vocais extremos, um refinado exemplo

do efeito “claro-escuro”, conduz à secção central, o delicado *Hostias*, premonitório do Romantismo. É quase impossível descortinar o papel efetivo que Süssmayr desempenhou na conclusão desta obra, ou se foi secundado na tarefa, como alguns afirmam, por Maximilian Stadler. Com toda a probabilidade, Süssmayr baseou-se em esboços de Mozart para essa tarefa, assim como em algumas missas do compositor. Esta afirmação prende-se com as similitudes de estrutura das soluções apresentadas, a utilização dos dois andamentos iniciais na *Communio*, criando um sentido de unidade comum a algumas dessas obras de juventude, em que o material do *Kyrie* é reutilizado no *Dona nobis pacem*, assim como um *Hossana* conciso, em nada destoando da prática litúrgico-musical de Mozart. Objetivamente, o *Sanctus* e o *Benedictus* apresentam um recorte melódico mozartiano, mas as fragilidades técnicas de Süssmayr ficam patentes quer na orquestração quer no desenvolvimento temático. Quanto ao *Agnus Dei*, dada a perfeição formal, intensidade emocional e eloquente progressão harmónica, é tido como uma composição inteiramente mozartiana, eventualmente um dos inúmeros esboços que Constanze queimou após a morte do marido. Dir-se-ia que Süssmayr soçobrou na tarefa não por falta de engenho, mas sim por falta de arte. Independentemente das reservas que os acrescentos de Süssmayr há muito suscitam, permaneceu intacta a expressividade quase romântica, a elegante simbiose operada por Mozart entre o contraponto barroco e as estruturas harmónico-formais do Classicismo, fazendo do *Requiem*, no seu todo, um marco incontornável da música ocidental.

NOTAS DE JOSÉ BRUTO DA COSTA

Wolfgang Amadeus Mozart

Requiem, K. 626

INTROITUS

Requiem aeternam dona eis, Domine,
et lux perpetua luceat eis.

Te decet hymnus, Deus, in Sion,
et tibi reddetur votum in Jerusalem.

Exaudi orationem meam,
ad te omnis caro veniet.

Requiem aeternam dona eis, Domine,
et lux perpetua luceat eis.

Dá-lhes Senhor o eterno repouso,
e que para eles resplandeça a luz perpétua.

A Ti são dirigidos hinos em Sião,
a Ti são oferecidos votos em Jerusalém.

Ouve a minha oração,
perante Ti comparecem todas as criaturas.

Dá-lhes Senhor o eterno repouso,
e que para eles resplandeça a luz perpétua.

KYRIE

Kyrie eleison,
Christe eleison,
Kyrie eleison.

Senhor tem piedade de nós.

Cristo tem piedade de nós.

Senhor tem piedade de nós

SEQUENTIA

Dies irae

Dies irae, dies illa
solvat saeculum in favilla,
teste David cum Sibilla.

Dia de ira aquele,
em que o universo foi reduzido a cinzas,
como predisseram David e Sibila.

Quantus tremor est futurus,
quando iudex est venturus,
cuncta stricte discussurus.

Qual não será o terror,
quando vier o juiz,
examinar rigorosamente as suas ações.

Tuba mirum

Tuba mirum spargens sonum
per sepulcra regionum,
coget omnes ante thronum.

O som maravilhoso das trombetas,
alcançará os mortos nas suas sepulturas,
conduzindo-os perante o Teu trono.

Mors stupebit et natura,
cum resurget creatura,
judicanti responsura.

A morte e a natureza ficarão estupefactas,
quando a criatura comparecer,
para responder perante o juiz.

Liber scriptus proferetur,
in quo totum continetur,
unde mundus iudicetur.

Judex ergo cum sedebit,
quidquid latet apparebit,
nil inultum remanebit.

Quid sum miser tunc dicturus,
quem patronum rogaturus,
cum vix justus sit securus?

Rex tremendae

Rex tremendae maiestatis,
qui salvandos salvas gratis,
salva me, fons pietatis.

Recordare

Recordare, Jesu pie,
quod sum causa tuae viae,
ne me perdas illa die.

Quaerens me sedisti lassus,
redemisti crucem passus;
tantus labor non sit cassus.

Iuste iudex ultionis,
donum fac remissionis
ante diem rationis.

Ingemisco tanquam reus,
culpa rubet vultus meus,
supplicanti parce, Deus.

Qui Mariam absolvisti,
et latronem exaudisti,
mihi quoque spem dedisti.

Preces meae non sum dignae,
sed tu bonus fac benigne,
ne perenni cremer igne.

Num livro estará escrito,
tudo o que será tratado,
no julgamento do mundo.

Quando o juiz tomar o seu lugar,
tudo o que estiver oculto aparecerá,
e nada ficará impune.

Pobre de mim, que direi então,
a quem pedirei proteção,
quando só o justo está tranquilo?

Rei de tremenda majestade,
que salvas gratuitamente os escolhidos,
salva-me, fonte de piedade.

Recorda-te, pio Jesus,
que vieste ao mundo por mim,
não me condenes nesse dia.

Cansaste-Te a procurar-me,
para me resgatares, morreste na cruz;
que tanto esforço não tenha sido em vão.

Juiz que castigas com justiça,
concede-me o perdão dos meus pecados,
antes do dia do julgamento.

Choro, na qualidade de réu,
a minha culpa envergonha-me;
peço-te, ó Deus, perdão.

Tu que absolveste Maria
e ouviste o ladrão,
e me concedeste a esperança.

As minhas preces não são dignas:
mas Tu, que és bom, não consintas,
que eu arda no fogo do inferno.

Inter oves locum praesta,
et ab haedis me sequestra,
statuens in parte dextra.

Confutatis

Confutatis maledictis,
flammis acribus addictis,
voca me cum benedictis.

Oro supplex et acclinis,
cor contritum quasi cinis,
gere curam mei finis.

Lacrimosa

Lacrimosa dies illa,
qua resurget ex favilla
judicandus homo reus.

Huic ergo parce, Deus,
pie Jesu Domine,
dona eis requiem!
Amen!

OFFERTORIUM

Domine Jesu

Domine Jesu Christe! Rex gloriae!
Libera animas omnium fidelium defuncto-
rum de poenis inferni et de
profundo lacu:
libera eas de ore leonis, ne absorbeat eas
tartarus, ne cadant in obscurum, sed signifer
sanctus Michael repraesentet eas in lucem
sanctam, quam olim Abrahae promisisti,
et semini ejus.

Hostias

Hostias et preces tibi, Domine, laudis
offerimus; tu suscipe pro animabus illis,
quarum hodie memoriam facimus: fac eas,
Domine, de morte transire ad vitam, quam
olim Abrahae promisisti, et semini ejus.

SANCTUS

Sanctus, sanctus, sanctus
Dominus Deus Sabaoth.
Pleni sunt coeli et terra gloria tua.
Hosanna in excelsis.

Coloca-me entre os cordeiros,
e separa-me dos pecadores,
deixa-me ficar à tua direita.

Livra-me da agitação dos malditos,
e dos condenados às chamas,
chama-me para junto dos bem aventurados.

Prostrado e suplicante, rogo-te,
Com o coração quase em cinzas,
Que tenhas piedade na hora da morte.

Dia de lágrimas aquele,
em que o homem pecador renascer,
das cinzas para ser julgado.

Tem pois piedade dele, Deus:
Pio Jesus, Senhor,
Concede-lhe o eterno repouso!
Ámen!

Senhor Jesus Cristo! Rei da glória!
Livra as almas de todos os fiéis defuntos das
penas do inferno e do lago profundo.
Livra-as da boca do leão, que o inferno não as
engula, que não caíam nas trevas: mas que São
Miguel, o porta estandarte, as conduza à luz
santa, como em tempos prometeste a Abraão e
aos seus descendentes.

Oferecemos-Te, Senhor, hóstias e louvores.
Aceita-as pelas almas daqueles que hoje
recordamos; fá-las passar da morte à vida,
que outrora prometeste a Abraão e à sua
posteridade

Santo, santo, santo
é o Senhor, deus dos exércitos.
Os céus e a terra estão cheios da Tua glória.
Glória nas alturas.



AS ÚLTIMAS HORAS DE MOZART, POR HENRY NELSON ONEIL (1817-1880) © DR

BENEDICTUS

Benedictus, qui venit in nomine Domini.
Hosanna in excelsis.

Bendito o que vem em nome do Senhor.
Glória nas alturas.

AGNUS DEI

Agnus Dei, qui tollis peccata mundi:
dona eis requiem.
Agnus Dei, qui tollis peccata mundi:
dona eis requiem sempiternam.

Cordeiro de Deus que tiras os pecados do mundo, dá-lhes o repouso.
Cordeiro de Deus que tiras os pecados do mundo, dá-lhes o repouso eterno.

COMMUNIO

Lux aeterna

Lux aeterna luceat eis, Domine,
cum sanctis tuis in aeternum, quia pius es.
Requiem aeternam dona eis, Domine,
et lux perpetua luceat eis.

Que a luz eterna lhes resplandeça, Senhor,
com os teus santos para sempre, pois és bom.
Dá-lhes, Senhor, o eterno repouso,
e que para eles resplandeça a luz perpétua

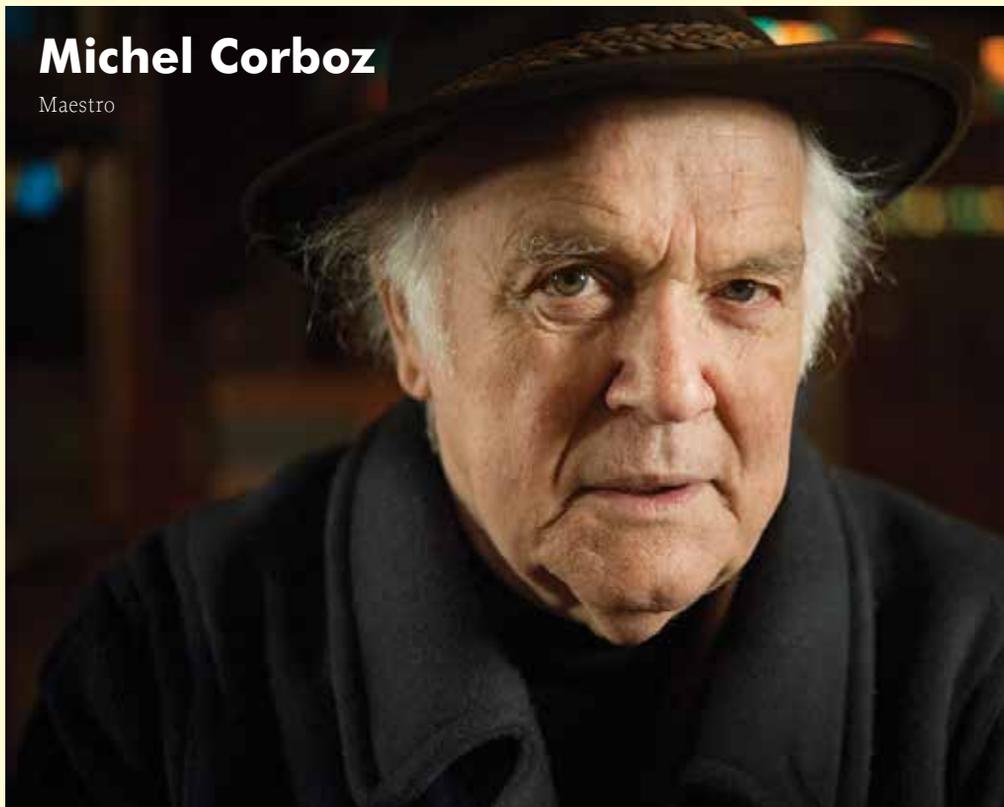
Cum sanctis tuis

Cum sanctis tuis in aeternum, quia pius es.

Com os teus santos para sempre, pois és bom.

Michel Corboz

Maestro



MICHEL CORBOZ © JEAN-BAPTISTE MILLOT

A entrada de Michel Corboz no universo da música encontra-se profundamente ligada ao seu fascínio pela voz e pelas obras escritas no domínio da música vocal. Consequentemente dirigiu, ao longo da sua carreira, pelo mundo inteiro, as grandes oratórias e outras obras que incluem coro, solistas e orquestra.

Depois de fundar o Ensemble Vocal de Lausanne, em 1961, as inúmeras distinções concedidas e o acolhimento entusiasta da imprensa às suas gravações das *Vésperas* e do *Orfeo* de Monteverdi (1965 e 1966) marcaram o início de uma longa carreira que evoluiu naturalmente, sem ambições particulares, enriquecendo-se todos os anos com uma nova obra.

Em 1969, Michel Corboz foi nomeado Maestro Titular do Coro Gulbenkian, cargo que vem exercendo com inexcusável competência desde então. À frente do Coro Gulbenkian, realizou um grande número de concertos e gravações,

tendo assim colocado em destaque as qualidades fundamentais do agrupamento e contribuído decisivamente para a sua projeção nacional e internacional.

A discografia de Michel Corboz conta com mais de cem títulos, muitos deles distinguidos com prémios internacionais do disco. Neste domínio, salientam-se as grandes obras sacras de Bach e de Mozart, *Selva morale* de Monteverdi, as oratórias de Mendelssohn e os *Requiem* de Brahms, Fauré, Duruflé e Verdi. Na Ópera de Lyon recriou *Ercole amante* de Cavalli, obra composta para o casamento de Luís XIV, bem como *David et Jonathas* de Charpentier. No domínio da ópera, dirigiu *L'Incoronazione di Poppea*, *Il ritorno d'Ulisse in patria* e ainda *Orfeo* de Monteverdi.

Em dezembro de 1999, Michel Corboz foi condecorado pelo Presidente da República Portuguesa com a *Grã Cruz da Ordem do Infante Dom Henrique*.

Sandrine Piau

Soprano



Helena Rasker

Contralto



Depois de concluir os seus estudos no Conservatório Superior de Música de Paris, a soprano francesa Sandrine Piau afirmou-se internacionalmente no domínio da música barroca, tendo colaborado com maestros como W. Christie, P. Herreweghe, C. Rousset, G. Leonhardt, I. Bolton, T. Koopman R. Jacobs, M. Minkowski, ou N. Harnoncourt. No entanto, o seu repertório de ópera é diversificado, tendo interpretado recentemente os papéis de Cleópatra (*Giulio Cesare*), na Ópera Nacional de Paris; Mélisande, no Théâtre de la Monnaie (Bruxelas); Ännchen (*Der Freischütz*), Pamina (*A flauta mágica*) e Donna Anna (*Don Giovanni*), no Théâtre des Champs-Élysées; o papel principal em *L'incoronazione di Poppea*, em Colónia; Sandrina, numa nova produção de *La finta giardiniera*, no Théâtre de la Monnaie; e Sophie (*Werther* de Massenet) no Capitólio de Toulouse. Sandrine Piau é também uma presença regular nos principais palcos de concerto, tendo atuado no Festival de Salzburgo, no Carnegie Hall de Nova Iorque, no Wigmore Hall, em Londres, no Musikverein de Viena, na Salle Pleyel de Paris, e no Concertgebouw de Amesterdão. Em recital, interpreta os repertórios de *Lied e mélodie*, sendo acompanhada por pianistas como Jos van Immerseel, Roger Vignoles ou Corine Durous. Realizou recentemente digressões aos Estados Unidos da América e ao Japão com a pianista Susan Manoff. Sandrine Piau foi agraciada, em França, com o título de *Chevalier de l'Ordre des Arts et des Lettres* em 2006, e nomeada "Artista Lírica do Ano" nos *Victoires de la Musique Classique* em 2009.

Helena Rasker formou-se no Real Conservatório de Música de Haia, na Holanda, e no Tanglewood Music Center, nos Estados Unidos da América. Trabalha atualmente com Margreet Honig, em Amesterdão. O seu repertório estende-se da música barroca à contemporânea, incluindo a música da câmara, a música coral-sinfónica e a ópera. Apresentou-se em concerto no Festival de Salzburgo, no Festival da Holanda, no *Festival d'Automne à Paris* e no Festival de La Chaise-Dieu, entre outros prestigiados palcos, em colaboração com maestros como M. Minkowski, M. Corboz, F. Biondi, C. Zacharias, M. Boder, O. Knussen, Y. Nézet-Séguin, M. Albrecht, P. Rophé, H. Haenchen, P. Carignani e J. Stockhammer. No domínio da ópera, destaque para as suas interpretações em *Into the little Hill* de G. Benjamin, *Lulu* de A. Berg, *Moses und Aron* de Schönberg, *Rêves d'un Marco Polo* de C. Vivier, *A flauta mágica* de Mozart, *Elektra* de R. Strauss, *Cavalleria Rusticana* de Mascagni, *Guillaume Tell* de Rossini e *A Valquíria* de Wagner. Participou nas estreias de *Thyeste* de V. Vlijmen, *After Life* de Michel van der Aa, *Waiting for Miss Monroe* de R. de Raaff, *Ballingschap* e *Troparion* de R. Zuidam. Na temporada 2015/16 estreou-se na Royal Opera House no papel de Erna, em *Morgen und Abend*, de G. F. Haas. Interpretou as grandes oratórias e obras sacras de J. S. Bach, Händel, Mozart, J. Haydn, Mendelssohn, Duruflé e Honneger, as sinfonias de Mahler e o repertório de câmara de Wagner, Brahms, Ravel e Schönberg. O seu repertório de recital contemporâneo inclui obras de Sciarrino, Gubaidulina, Nono e R. Zuidam.

Christophe Einhorn

Tenor

CHRISTOPHE EINHORN © DR



Marcos Fink

Baixo

MARCOS FINK © MIHA CERAR



Christophe Einhorn estudou no Conservatório de Estrasburgo, onde recebeu uma medalha de ouro na classe de Elisabeth Dillenschneider e concluiu em simultâneo a Licenciatura em Musicologia. Posteriormente ingressou no Estúdio de Ópera de Versalhes, liderado por René Jacobs e Rachel Yakar. Aperfeiçoou a sua técnica com Ernst Haefliger, Nicolai Gedda e Robert Dumé. Estreou-se em *Giasone*, de Cavalli, no Théâtre des Champs-Élysées. Desde então interpretou numerosos papéis de ópera como Acis (*Acis and Galatea* de Händel), Castor (*Castor et Pollux* de Rameau), Clotarco (*Armida* de Händel), Nencio (*L'infedeltà delusa* de J. Haydn), Don Henrique (*Les diamants de la couronne* de Auber), Gonzalve (*L'Heure espagnole* de Ravel), Mestre de bailado (*Ariadne auf Naxos* de R. Strauss), bem como obras de compositores contemporâneos. É um convidado regular de importantes orquestras e festivais, tendo colaborado com a Orquestra Gulbenkian, a Orchestre de la Suisse Romande, a Camerata Bern, a Orquestra de Câmara de Lausanne, o Ensemble Vocal e Instrumental de Lausanne ou a Orquestra Sinfónica SWR de Estugarda, entre outros agrupamentos, sob a direção de maestros como Roy Goodman, Hervé Niquet, René Jacobs, Christophe Coin, Leopold Hager, Helmut Rilling, Michel Corboz, Marc Minkovski, Sigiswald Kuijken, Christian Zacharias ou Andrew Parrot. Interpreta regularmente o repertório coral-sinfónico, incluindo o *Messias* de Händel, *A Criação* de J. Haydn, *Elias* e *Lobgesang* de Mendelssohn e as grandes obras de J. S. Bach.

Marcos Fink nasceu em Buenos Aires, no seio de uma família eslovena. As atuações da sua família (Quarteto Fink) motivaram-no a cantar em coros desde muito cedo. Estudou com Ivan Ivanov e Victor Srgo e aprofundou a sua formação vocal com Heather Harper e Robert Sutherland, em Londres. Depois das primeiras atuações na Argentina, mudou-se para a Europa em 1990. Convidado pelo Landestheater de Salzburgo, integrou os elencos de várias óperas de Mozart durante a temporada do bicentenário da morte do compositor austríaco. Marcos Fink aborda um repertório eclético, em colaboração com importantes orquestras e sob a direção de maestros como Michel Corboz, Hans Graf, Leopold Hager, Alain Lombard, Semyon Bychkov, Uwe Mund, Milan Horvat, Pinchas Steinberg, Anton Nanut, Lior Shambadal ou René Jacobs. Realizou muitas gravações de ópera, de obras corais e de *Lieder*, tendo recebido numerosos prémios. Foi distinguido com o *Prešernov sklad 1999*, prémio de cultura da Eslovénia, pelas suas gravações de *Lieder* de Schubert. O CD *Canciones argentinas* (Harmonia Mundi), com a sua irmã Bernarda Fink e a pianista Carmen Piazzini, foi nomeado para os *Grammy* em 2007 na categoria de “Melhor Interpretação Vocal Clássica”. Recentemente participou em novas produções de *L'Opera Seria* (Fallito), de Florian Gassmann, em Bruxelas, e *Amor vien dal destino* (rei latino), de Agostino Steffani, em Berlin, ambas dirigidas por René Jacobs.

Coro Gulbenkian



CORO GULBENKIAN © FERNÃO FERREIRA

Fundado em 1964, o Coro Gulbenkian conta presentemente com uma formação sinfónica de cerca de cem cantores, atuando igualmente em grupos vocais mais reduzidos. Assim, apresenta-se tanto como grupo a cappella, interpretando a polifonia dos séculos XVI e XVII, como em colaboração com a Orquestra Gulbenkian ou com outros agrupamentos, para a interpretação de obras coral-sinfónicas do repertório clássico, romântico ou contemporâneo. Na música do século XX tem interpretado, frequentemente em estreia absoluta, inúmeras obras contemporâneas de compositores portugueses e estrangeiros. Tem sido igualmente convidado para colaborar com as mais prestigiadas orquestras mundiais, entre as quais a Philharmonia Orchestra de Londres, a Freiburg Barockorchester, a Orquestra do Século XVIII, a Filarmónica de Berlim, a Sinfónica de Baden-Baden, a Sinfónica de Viena, a Orquestra do Concertgebouw de Amesterdão, a Orquestra Nacional de Lyon, a Orquestra de Paris, a Orquestra Juvenil Gustav Mahler, ou a Orquestra Sinfónica Simón Bolívar. Foi dirigido por grandes figuras como Claudio Abbado, Colin Davis, Frans Brüggen, Franz Welser-Möst, Gerd Albrecht, Gustavo Dudamel, Jonathan Nott, Michael Gielen, Michael Tilson

Thomas, Rafael Frübeck de Burgos, René Jacobs ou Theodor Guschlbauer. O Coro Gulbenkian tem participado em importantes festivais internacionais, tais como: Festival Eurotop (Amesterdão), Festival Veneto (Pádua e Verona), City of London Festival, Hong Kong Arts Festival e Festival Internacional de Música de Macau. Em anos recentes, apresentou-se no Festival d'Aix-en-Provence, numa produção da ópera *Elektra*, de Richard Strauss, com a Orquestra de Paris, dirigida por Esa-Pekka Salonen, que teve a assinatura do encenador Patrice Chéreau. Em 2015 participou, em Paris, no concerto comemorativo do Centenário do Genocídio Arménio, com a World Armenian Orchestra dirigida por Alain Altinoglu. A discografia do Coro Gulbenkian está representada nas editoras Philips, Archiv / Deutsche Grammophon, Erato, Cascavelle, Musifrance, FNACMusic e AriaMusic, tendo ao longo dos anos registado um repertório diversificado, com particular incidência na música portuguesa dos séculos XVI a XX. Algumas destas gravações receberam prémios internacionais. Desde 1969, Michel Corboz é o Maestro Titular do Coro, sendo as funções de Maestro Adjunto e de Maestro Assistente desempenhadas por Jorge Matta e Paulo Lourenço, respetivamente.

Coro Gulbenkian

Michel Corboz Maestro Titular

Jorge Matta Maestro Adjunto

Paulo Lourenço Maestro Assistente

SOPRANOS

Ana Bela Covão
Cecília Rodrigues
Cristina Ferreira
Filomena Oliveira
Inês Lopes
Joana Siqueira
Lucília de Jesus
Manuela Toscano
Maria José Conceição
Mariana Lemos
Mariana Moldão
Mónica Antunes
Mónica Santos
Natasa Sibalic
Rosa Caldeira
Rosário Azevedo
Rute Dutra
Sara Afonso
Verónica Silva

CONTRALTOS

Ana Urbano
Fátima Nunes
Inês Martins
Inês Mazoni
Joana Esteves
Joana Nascimento
Liliana Silva
Lucinda Gerhardt
Manon Marques
Margarida Simas
Maria Forjaz Serra
Michelle Rollin
Patrícia Mendes
Rita Tavares
Tânia Valente
Verónica Santos

TENORES

Aníbal Coutinho
Diogo Pombo
Frederico Projecto
João Afonso
João Barros
João Branco
João Custódio
Manuel Gamito
Miguel Silva
Pedro Miguel
Pedro Rodrigues
Rui Aleixo

BAIXOS

Afonso Moreira
Fernando Gomes
Filipe Leal
João Luís Ferreira
José Bruto da Costa
Luís Fernandes
Mário Almeida
Nuno Rodrigues
Pedro Casanova
Pedro Morgado
Rui Borrás
Sérgio Silva
Tiago Batista

COORDENAÇÃO

Mariana Portas

PRODUÇÃO

Fátima Pinho
Luís Salgueiro
Joaquina Santos

Orquestra Gulbenkian



ORQUESTRA GULBENKIAN © GULBENKIAN MÚSICA – MÁRCIA LESSA

Em 1962 a Fundação Calouste Gulbenkian decidiu estabelecer um agrupamento orquestral permanente. No início constituído apenas por doze elementos, foi originalmente designado por Orquestra de Câmara Gulbenkian. Na temporada 2012-2013, a Orquestra Gulbenkian (denominação adotada desde 1971) celebrou 50 anos de atividade, período ao longo do qual foi sendo progressivamente alargada, contando hoje com um efetivo de sessenta instrumentistas que pode ser pontualmente expandido de acordo com as exigências dos programas executados. Esta constituição permite à Orquestra Gulbenkian a abordagem interpretativa de um amplo repertório, desde o Barroco até à música contemporânea. Obras pertencentes ao repertório corrente das grandes formações sinfónicas tradicionais, nomeadamente a produção orquestral de Haydn, Mozart, Beethoven, Schubert, Mendelssohn ou Schumann podem ser dadas pela Orquestra Gulbenkian em versões mais próximas dos efetivos orquestrais para que foram originalmente concebidas, no que respeita ao equilíbrio da respetiva arquitetura sonora

interior. Em cada temporada, a orquestra realiza uma série regular de concertos no Grande Auditório Gulbenkian, em Lisboa, em cujo âmbito tem tido ocasião de colaborar com alguns dos maiores nomes do mundo da música (maestros e solistas). Atuando igualmente em diversas localidades do país, tem cumprido desta forma uma significativa função descentralizadora. No plano internacional, por sua vez, a Orquestra Gulbenkian tem vindo a ampliar gradualmente a sua atividade, tendo até agora efetuado digressões na Europa, Ásia, África e Américas. No plano discográfico, o nome da Orquestra Gulbenkian encontra-se associado às editoras Philips, Deutsche Grammophon, Hyperion, Teldec, Erato, Adès, Nimbus, Lyrix, Naïve e Pentatone, entre outras, tendo esta sua atividade sido distinguida desde muito cedo com diversos prémios internacionais de grande prestígio. Susanna Mälkki é a Maestrina Convidada Principal e Joana Carneiro e Pedro Neves os Maestros Convidados. Claudio Scimone, titular entre 1979 e 1986, é Maestro Honorário, e Lawrence Foster, titular entre 2002 e 2013, foi nomeado Maestro Emérito.

Orquestra Gulbenkian

Susanna Mälkki Maestrina Convidada Principal

Joana Carneiro Maestrina Convidada

Pedro Neves Maestro Convidado

Lawrence Foster Maestro Emérito

Claudio Scimone Maestro Honorário

PRIMEIROS VIOLINOS

Birgit Kolar *Concertino Principal**

Josefine Dalsgaard *1º Concertino Auxiliar**

Bin Chao *2º Concertino Auxiliar*

António José Miranda

António Veiga Lopes

Pedro Pacheco

Alla Javoronkova

David Wahnnon

Ana Beatriz Manzanilla

Elena Ryabova

Maria Balbi

Otto Pereira

Manuel Abecasis *

SEGUNDOS VIOLINOS

Alexandra Mendes *1º Solista*

Jordi Rodriguez *1º Solista*

Cecília Branco *2º Solista*

Maria Leonor Moreira

Stephanie Abson

Jorge Teixeira

Tera Shimizu

Stefan Schreiber

Maria José Laginha

VIOLAS

Samuel Barsegian *1º Solista*

Lu Zheng *1º Solista*

Isabel Pimentel *2º Solista*

André Cameron

Patrick Eisinger

Leonor Braga Santos

Christopher Hooley

Maia Kouznetsova

VIOLONCELOS

Varoujan Bartikian *1º Solista*

Marco Pereira *1º Solista*

Martin Henneken *2º Solista*

Levon Mouradian

Jeremy Lake

Raquel Reis

CONTRABAIXOS

Pedro Vares de Azevedo *1º Solista*

Manuel Rêgo *1º Solista*

Maja Plüdemann *2º Solista*

Marine Triolet

FLAUTAS

Sophie Perrier *1º Solista*

Cristina Ánchel *1º Solista Auxiliar*

Amália Tortajada *2º Solista*

OBOÉS

Pedro Ribeiro *1º Solista*

Nelson Alves *1º Solista Auxiliar*

Alice Caplow-Sparks *2º Solista*

Corne inglês

CLARINETES

Esther Georgie *1º Solista*

Iva Barbosa *1º Solista Auxiliar*

José María Mosqueda *2º Solista*

Clarinete baixo

FAGOTES

Ricardo Ramos *1º Solista*

Vera Dias *1º Solista Auxiliar*

TROMPAS

Gabriele Amarù *1º Solista*

Kenneth Best *1º Solista*

Eric Murphy *2º Solista*

Darcy Edmundson-Andrade *2º Solista*

TROMPETES

Stephen Mason *2º Solista*

Paulo Carmo *1º Solista Auxiliar**

David Burt *2º Solista*

TROMBONES

Hélder Rodrigues *1º Solista**

Rui Fernandes *2º Solista*

Pedro Canhoto *2º Solista*

Vitor Faria *2º Solista**

Gonçalo Galvão *2º Solista**

TUBA

Amílcar Gameiro *1º Solista*

TIMBALES

Rui Sul Gomes *1º Solista*

PERCUSSÃO

Abel Cardoso *2º Solista*

ÓRGÃO

Cândido Fernandes *1º Solista**

* instrumentista convidado

COORDENAÇÃO

António Lopes Gonçalves

PRODUÇÃO

Américo Martins

Marta Andrade

Inês Rosário

Leonor Azêdo

Consumo combinado de 2,1 l/100 km. Emissões de CO₂ de 49 g/km.

Escolha o óleo original BMW TwinPower Turbo.

BMW iPerformance

bmw.pt



Pelo prazer
de conduzir



DUAS FORÇAS, UM FUTURO.
NOVOS HÍBRIDOS PLUG-IN BMW iPERFORMANCE.

iPERFORMANCE

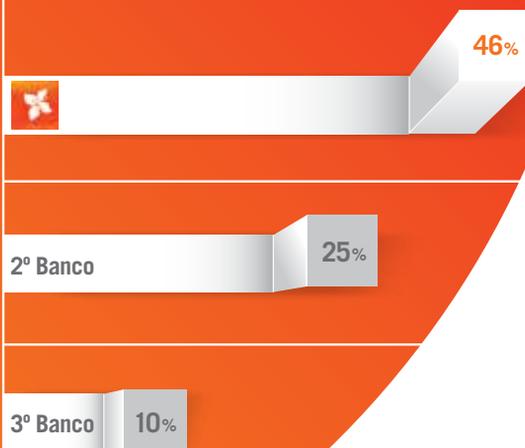
BANCO DE CONFIANÇA.



BPI é Marca de Confiança na Banca pelo 3º ano consecutivo.

O BPI foi reconhecido como a marca bancária de maior confiança em Portugal, de acordo com o estudo Marcas de Confiança que as Selecções do Reader's Digest organizam há 16 anos em 10 países. O nível de confiança do BPI subiu de 39% para 46%, registando o melhor resultado alguma vez alcançado em todo o sistema financeiro português desde o lançamento do estudo em 2001. O BPI agradece este voto de confiança e tudo fará para continuar a merecê-lo.

Este prémio é da exclusiva responsabilidade da entidade que o atribuiu.



Pedimos que desliguem os telemóveis durante o espetáculo. A iluminação dos ecrãs pode igualmente perturbar a concentração dos artistas e do público.

Não é permitido tirar fotografias nem fazer gravações sonoras ou filmagens durante os espetáculos.

Programas e elencos sujeitos a alteração sem aviso prévio.

DIREÇÃO CRIATIVA
Ian Anderson

DESIGN E DIREÇÃO DE ARTE
The Designers Republic

DESIGN GRÁFICO
AH-HA

TIRAGEM
700 exemplares

PREÇO
2€

Lisboa, Abril 2017

FUNDAÇÃO
CALOUSTE GULBENKIAN

GULBENKIAN.PT